

Os cisnes também envelhecem: memória, território e a resistência cultural na velhice em Pacarrete



Filme: Pacarrete (2019). Direção: Allan Deberton. Personagem central: Pacarrete (Marcélia Cartaxo). Localização: Russas, Ceará, Brasil.

Carmen de Almeida Alves

Introdução

A escolha do filme *Pacarrete* para esta resenha decorre de sua pertinência geográfica e temática e, em particular, de sua convergência com minha investigação de doutoramento, centrada nas questões relativas à gestão do envelhecimento rural.

Trata-se de um drama brasileiro escrito e dirigido por Allan Deberton, cuja narrativa acompanha Pacarrete (Marcélia Cartaxo), ex-bailarina e professora de dança que, após enfrentar dificuldades na vida urbana, retorna à sua cidade natal, Russas, no interior do Ceará, para cuidar da irmã adoentada (Zezita de Matos). Mais do que um retorno familiar, o enredo revela os embates da

personagem com o envelhecimento, a invisibilidade social e a luta por reconhecimento de sua identidade como artista e mulher.

Situado em Russas, o filme permite refletir sobre dinâmicas sociais, experiências de vida e sentidos de pertencimento em contextos interioranos do Nordeste. A narrativa articula dimensões centrais para a Gerontologia Social pelas memórias, identidade, corpo, território e condições sociais do envelhecer e evidencia como transformações pessoais e coletivas se entrelaçam na construção de experiências na velhice.

O filme apresenta a trajetória de Pacarrete em seu retorno ao território que a viu nascer, agora percebido como simultaneamente familiar e estrangeiro. O significado simbólico de seu nome “margarida”, em francês, aprofunda a compreensão de sua atração pelo idioma e pela cultura francesa, ressaltando a tensão entre pertencimento e estranhamento. Essa sensação de deslocamento revela não apenas o envelhecimento do corpo, mas também angústias, solidão e rupturas que atravessam seu cotidiano.

Pacarrete, aposentada, vive com a irmã cadeirante em uma casa antiga comprimida entre estabelecimentos comerciais, símbolo da transformação urbana que reduz os espaços de memória e intimidade. O recurso a expressões em francês, idioma que nunca dominou, opera como estratégia de distinção e preservação identitária, marcando a passagem do espaço físico da cidade para o espaço simbólico de si mesma.

O objetivo deste artigo é analisar como *Pacarrete* representa o processo de envelhecimento, discutindo como memória cultural, relação com o território e reconhecimento social influenciam o sofrimento e a resistência da personagem diante da invisibilidade. Para tanto, a análise será realizada a partir da leitura narrativa e simbólica do filme, considerando espaços, gestos, práticas culturais e indicadores de memória, pertencimento, resistência e sofrimento.

No cenário imaginário que constrói, Pacarrete se percebe ainda como uma bailarina pronta para estrear e apresentar à Russas o que considera a “verdadeira cultura”: o balé. O filme transcende a excentricidade, explorando as diversas camadas que atravessam o cotidiano dessas mulheres idosas, seus sonhos, frustrações e a persistência da sexualidade. A protagonista projeta um ideal de sofisticação em contraste com a simplicidade e as hierarquias locais. Essa tensão revela a desconexão entre sujeito e território, entre memória do corpo e experiências sociais.

De acordo com Santos (2023), o afastamento das origens e a perda do sentido comunitário produzem um sentimento de desenraizamento que fragiliza identidade e pertencimento. Nesse contexto, Pacarrete representa a experiência de quem retorna, mas não se reconhece plenamente no lugar de onde veio uma estrangeira em sua própria terra, sustentada por lembranças que se tornam resistência diante da invisibilidade social e cultural.

Ao enfrentar frustração e a recusa de seu espetáculo, a reação de Pacarrete, que inclui indignação e refúgio, denuncia uma exclusão social que se manifesta

na ausência de políticas públicas e de espaços de escuta e valorização da experiência na velhice. Essa exclusão e preconceito podem ser entendidos como Ageísmo (Manso *et al.*, 2024), uma violência simbólica que reduz o sujeito à improdutividade.

Mais do que relatar a suposta “loucura” de uma mulher idosa, o filme denuncia o abandono social que recai sobre os corpos envelhecidos. O mesmo sistema que desativa espaços produtivos e culturais desativa simbolicamente os sujeitos, negando-lhes reconhecimento e participação.

O envelhecimento deve ser compreendido dentro de um *continuum* de vida, no qual se observa a convivência entre as figuras femininas idosas (a “velha louca”, a “velha cadeirante” e a “velha empregada”) e a fragilidade das novas gerações. Essa cadeia simbólica reforça a leitura do que Santos (2023) entende a vida e o envelhecimento como parte de uma trama social e ética, marcada pela convivência e pelo cuidado.

O filme convoca à reflexão sobre os efeitos invisíveis das estruturas sociais e afetivas, sobretudo em contextos interioranos. Propõe-se, assim, uma leitura crítica da velhice em suas dimensões cultural, simbólica e política, articulada ao território e às relações comunitárias. A análise organiza-se, portanto, em quatro eixos: o sujeito que não envelhece; senescência e senilidade; mudanças sociais e invisibilidade; e memória, território e resistência cultural.

O sujeito que não envelhece

Pacarrete encarna o que Mucida (2019) denomina “o sujeito que não envelhece”. Sua vitalidade subjetiva permanece intensa mesmo diante das limitações do corpo. A dança, as coreografias e a insistência em ser reconhecida constituem expressão de uma mente jovem que não se conforma com a passagem do tempo.

O filme evidencia o descompasso entre corpo senescente e subjetividade atemporal. Pacarrete resiste à realidade do envelhecimento, mantendo-se apegada a etapas da vida e à expectativa de reconhecimento. Há um episódio de sedução contido, que revela a tensão entre desejo e limite corporal, lembrando que a libido vital persiste, mas a consciência do corpo envelhecido impõe contenção. A insistência de Pacarrete em manter sua prática artística reflete não apenas a preservação da identidade pessoal, mas também a continuidade de uma memória cultural que se vincula à história da cidade e da comunidade.

Seu corpo senescente sustenta práticas que mantêm vivos saberes e gestos da dança, transformando a resistência individual em testemunho coletivo. Ao prezar pelo balé clássico, em oposição à cultura atualmente difundida em sua cidade, a professora aposentada evidencia como a sociedade tende a favorecer uma cultura midiática, de impacto rápido e fácil aceitação, deixando pouco espaço para modos de expressão menos hegemônicos. A morte da irmã marca uma virada emocional.

Essa ausência confronta-a com a finitude, a perda e a própria existência. A depressão subsequente é atravessada pela memória, e a dança, mesmo solitária, torna-se gesto de resistência e de vínculo consigo mesma. A dança, portanto, não é apenas expressão estética. Ela funciona também como instrumento de resistência simbólica e cultural, permitindo que Pacarrete preserve sua identidade e desafie normas sociais que marginalizam a velhice, especialmente a feminina, no contexto interiorano.

Senescência x Senilidade

O filme diferencia, de forma sutil, as dimensões biológica e funcional do envelhecer. Pacarrete exemplifica a senescência, limitações físicas naturais do corpo que envelhece, como cansaço, rigidez e fadiga, visíveis nas rugas do rosto e nos cabelos retocados, sinais que marcam o tempo vivido sem comprometer sua lucidez, criatividade e capacidade de gestão de sua arte.

Por outro lado, sua irmã representa a senilidade, manifestada em algumas perdas funcionais e cognitivas que dificultam atividades cotidianas, sem que isso seja necessariamente exclusivo da velhice. Essa contraposição entre as duas personagens ilustra de maneira concreta a distinção teórica entre envelhecimento saudável e envelhecimento com doença, reforçando que envelhecer não é sinônimo de adoecer, mas um processo plural e multifacetado.

A gerontologia estabelece uma distinção fundamental entre senescência e senilidade. A senescência corresponde a um processo fisiológico natural e inevitável, marcado por modificações orgânicas graduais que reduzem o desempenho de funções, sem necessariamente gerar doença. Por sua vez, a senilidade refere-se a alterações funcionais ou cognitivas que comprometem o cotidiano, como as observadas na irmã de Pacarrete, evidenciando que o envelhecimento saudável e o adoecimento podem coexistir, mas não são equivalentes.

O olhar social, porém, raramente distingue essas nuances. A personagem é percebida como a “velha excêntrica”, e a sociedade reduz a velhice à improdutividade. O filme evidencia, assim, uma crítica social: o envelhecimento não é sinônimo de decadência, mas uma experiência multifacetada que exige reconhecimento simbólico.

Além das limitações físicas, Pacarrete mantém vitalidade subjetiva, expressa na dança, nos afetos e na criatividade, evidenciando que envelhecer não implica apagamento dos desejos ou das experiências emocionais e relacionais. Essa vitalidade se articula com a presença ativa no espaço físico, reforçando a perspectiva de corpo-território. Pacarrete encarna o que Mucida (2019) denomina “o sujeito que não envelhece”: a senescência corporal não compromete sua capacidade de engajamento cultural, criatividade e resistência simbólica.

Mudanças sociais e invisibilidade

O município de Russas é apresentado como território de tensões entre tradição e modernidade. A festa organizada pela prefeita, que ignora o projeto cultural de Pacarrete, simboliza o apagamento da memória local e a hegemonia de uma cultura midiática. O desrespeito às tradições, o barulho e a desordem representam a exclusão do espaço público dos mais velhos, evidenciando o descaso do poder público e como as transformações sociais podem comprometer o pertencimento e a valorização dos indivíduos mais velhos.

O sofrimento da personagem é duplo: a perda de reconhecimento e o rompimento da reciprocidade com a comunidade. Santos (2023, p. 21) observa que, “enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos”, perspectiva que permite compreender a exclusão social e o preconceito vivenciados por Pacarrete como manifestações de ageísmo.

Este termo, cunhado por Robert Butler (1969), refere-se ao preconceito etário contra a pessoa idosa (Butler, 1969, citado por Manso *et al.*, 2024). Esse idadismo afeta os indivíduos ao impor estereótipos de declínio físico e infantilização, levando-os a ser vistos como um grupo homogêneo, desvalorizado e associado à improdutividade.

No caso de Pacarrete, a violência é dupla: a discriminação por idade articula-se com mecanismos que sustentam o sexismo e a sociedade patriarcal, ampliando a marginalização do sujeito idoso. O preconceito manifesta-se em atitudes condescendentes e paternalistas, vivenciadas pela personagem através da ignorância ou do desdém como quando não é levada a sério por sua idade.

Tais atitudes constituem formas de violência simbólica, cuja maior expressão é o ageísmo, ferindo a autonomia da pessoa idosa. A recusa do poder público em valorizar seu balé, enquanto promove uma cultura midiática de fácil impacto, reduz Pacarrete ao estereótipo da “velha excêntrica”, e sua indignação e recolhimento denunciam essa exclusão social. Essa marginalização se materializa também na ausência de políticas públicas e de espaços de escuta que valorizem a experiência na velhice.

O filme evidencia, ainda, a fragilidade das redes de apoio próximas. Os vizinhos de Pacarrete são, em sua maioria, estabelecimentos comerciais, distantes do cuidado e da solidariedade que sustentam a vida comunitária. A ausência dessas conexões reforça que envelhecer em contextos interioranos exige enfrentar isolamento e invisibilidade social. Santos (2023) complementa que proximidade e mediação são fundamentais para a criação de redes de apoio, evidenciando que a construção de vínculos diversificados é essencial para contrapor o ageísmo e fortalecer o pertencimento na comunidade.

Memória, território e resistência cultural

O território de Russas é atravessado por tensões entre tradição e modernidade, e a trajetória de Pacarrete evidencia como a arte pode assumir papel ético, simbólico e político diante dessas transformações. Inicialmente, sua dança

funcionava como instrumento de reconhecimento público, valorizando seu talento e conectando-a à comunidade. Com a perda de sua irmã e a desconsideração do espaço público pelo poder local, esse reconhecimento se dissolve, e a dança passa a ser vivenciada de forma íntima, como celebração pessoal e familiar, permitindo que a personagem reconecte-se consigo mesma e com suas lembranças.

Neste contexto, a dança torna-se ato de resistência cultural e cuidado consigo mesma: Pacarrete dança para si, sem plateia, ressignificando o gesto artístico e a memória associada à sua prática. Como Santos (2023) propõe, a arte e a vida comunitária devem ser alimento e não produto, e o fazer artístico de Pacarrete reforça o vínculo com o próprio território simbólico e afetivo. Além disso, Mucida (2019, p. 24) observa que “a velhice é definida sob o âmbito das perdas, das reduções de memórias [...] afetando, assim, a vida social e afetiva do idoso”, o que evidencia como a prática artística de Pacarrete funciona como instrumento de preservação da memória e manutenção da vitalidade social e afetiva, resistindo às limitações e à invisibilidade frequentemente associadas ao envelhecimento.

O envelhecimento, nesse sentido, manifesta-se como gesto ético, em que o presente dialoga com o passado e projeta-se no futuro. Ao reconectar-se com sua dança sem depender do reconhecimento externo, Pacarrete preserva sua memória, fortalece seu pertencimento e contribui para a construção de imaginários culturais para as gerações seguintes. A personagem transforma sua calçada e sua casa em extensão de si mesma, criando um espaço de cuidado, dança e memória que reflete sua vitalidade subjetiva e seu compromisso com o território simbólico.

A persistência diante da invasão do espaço público e o gesto de estender a música erudita ao dia seguinte demonstram que envelhecer não é sinônimo de passividade, mas postura ativa de defesa da memória, da identidade e do território. O filme evidencia que senescência corporal não equivale à senilidade social: Pacarrete conjuga vitalidade, experiência e criatividade, assumindo um papel de cuidado e mediação cultural entre gerações. Sua postura aproxima-se do conceito de envelhecimento como responsabilidade ética e cultural, fortalecendo vínculos e preservando imaginários coletivos, em que a memória, o território e a arte se articulam como elementos centrais de resistência, pertencimento e continuidade intergeracional.



Conclusão

Pacarrete apresenta o envelhecimento como um processo complexo, atravessado pela tensão entre subjetividade, corpo e sociedade. Apesar de sua vitalidade e criatividade, a personagem enfrenta exclusão, perda e incompreensão, revelando que o reconhecimento não depende de aplausos, mas da integração ao território, da preservação da memória e da reciprocidade com a comunidade.

A análise do filme evidencia como a prática artística de Pacarrete funciona como gesto ético e cultural, resgatando o sentido do fazer artístico como resistência, pertencimento e cuidado com o próprio território simbólico e afetivo. A dança final simboliza a reconciliação entre desejo de ser e pertencimento, unindo arte, vida e resistência, e demonstrando que senescência corporal não implica senilidade social.

Ao problematizar o idadismo e o descaso do poder público em um contexto interiorano, a trajetória de Pacarrete permite compreender a urgência de políticas públicas que promovam a escuta ativa, o fortalecimento de vínculos comunitários e a valorização da experiência das pessoas idosas.

Assim, o filme contribui para ampliar a reflexão sobre envelhecimento social, memória, território e arte, reforçando que envelhecer é um processo plural, ético e criativo, no qual o cuidado consigo mesma e com a comunidade se entrelaçam para sustentar vínculos, preservar imaginários culturais e reafirmar o direito à presença ativa na vida social.

Referências

Butler, R. N. Ageism: Another Form of Bigotry. *The Gerontologist*, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 243-246, 1969.

Deberton, A. (Diretor). *Pacarrete*. Brasil: Aurora Filmes, 2019. Filme, 97 min.

Manso, M. E. G.; Mello, I. G. R. de; Lopes, R. G. da C. Ageísmo: inter-relação com resiliência e variáveis relacionadas à capacidade funcional em um grupo de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 43-63, 2024.

Mucida, Â. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Santos, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: UBU Editora; PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

Data de recebimento: 13/12/2025; Data de aceite: 15/03/2026

Carmen de Almeida Alves – Socióloga. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (UNIVASF) e Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural pela UFSCar. Sócia da Polis Estratégia. Atua como consultora em comunidades rurais, com foco em temas que se articulam com o envelhecimento, o feminino, o território e as estruturas de exclusão no Nordeste brasileiro. Esta resenha foi elaborada durante o curso E-mail: carmenaalves@gmail.com.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.